

LEITURAS CATHOLICAS
ANNO XLVI — Outubro de 1936 — Nº 557

José de Mesquita
Do Instituto Histórico e da Academia
Mattogrossense de Letras

PELA BOA CAUSA

Conferências

NICTHEROY
ESCOLAS PROFISSIONAES SALESIANAS
1936

JOSÉ DE MESQUITA



José Barnabé de Mesquita
(*10/03/1892 †22/06/1961)
Cuiabá - Mato Grosso

Biblioteca Virtual José de Mesquita
<http://www.jmesquita.brtdata.com.br/bvjmesquita.htm>

ÍNDICE

Introdução	5
A Religião e o Operariado	7
Religião e Tradicionalismo	31
A Religião necessidade social	64
Religião e Política	83

UM CONSELHO BEM UTIL

EMQUANTO TEMOS TEMPO FAÇAMOS BEM A TODOS (Gal. 6-10), especialmente tornando sempre mais conhecidas as "**LEITURAS CATHOLICAS**" e procurando novos ASSIGNANTES. Assim nós tornaremos occultamente zelosos missionários; pois — "não ha cousa mais própria nem mais excellente para promover e allimentar a piedade no meio do povo do que as "**LEITURAS CATHOLICAS**".

Pio IX a D. Bosco.

Introdução

Formam o presente fascículo das «Leituras Catholicas», quatro conferencias pronunciadas em Cuyabá, pelo Desembargador José de Mesquita, Presidente da Corte de Apelação do Estado de Matto-Grosso.

Não é a primeira vez que o nome do illustre mattogrossense aparece em nossa collecção, que já illustrou com a publicação dum interessante trabalho seu, em que sob o título de «um thaumaturgo do sertão», estuda a bella figura apostólica do missionário capuchinho, Frei José Maria de Macerata.

Hoje, porem, mais do que nunca, a personalidade de José de Mesquita se destacou em alto relevo, na galeria da intellectualidade brasileira, através da sua brilhante actuação no Congresso das Academias, de que foi Vice-Presidente, no Congresso Judiciário e na Conferencia de Criminologia, assembléas essas, que reuniram ha pouco, na Capital da Republica, a fina flor da cultura dos nossos Estados.

Autor de apreciados volumes de verso e prosa, bem como de muitos outros trabalhos de varia literatura, José de Mesquita é igualmente um organizador tão intelligente quão

tenaz, tendo fundado com outros em 1921, o Centro, hoje Academia Mattogrossense de Letras, de que tem sido, sem interrupção, reeleito Presidente, e o Instituto Histórico de Matto-Grosso, foi elle também como se sabe, o autor do projecto da federação das Academias, no recente Congresso a que já nos referimos.

Accrescem a isto os próprios temas dos discursos, que damos á publicidade, e que versam todos a Religião nas suas múltiplas attinencias com a sociedade contemporânea, fazendo resaltar, sempre mais, a necessidade do seu benefico e insubstituível influxo nas consciências, para salvação do mundo ameaçado por ideologias exóticas e subversivas.

Temos, emfim, a satisfacção de informar que o Desembargador Mesquita é o chefe da acção Catholica na archidiocese de Cuiabá, onde dirige o jornal catholico A CRUZ, tendo sido, por isso, agraciado pelo Santo Padre Pio XI, gloriosamente reinante, com a commenda da Ordem de S. Silvestre.

Por todos esses motivos, pensamos que o presente volume das «Leituras Catholicas», vá constituir o mais agradável brinde para os seus numerosos leitores.

A Redacção

A Religião e o Operariado

CONFERENCIA NA «LIGA CATHOLICA» DE
CUYABÁ, EM 17-11-1932

Caros Consócios:

Nunca se falou tanto em operariado, em defesa do proletariado, em reivindicações trabalhistas, como nos dias que correm. É oportuno, pois, que, nesta serie de palestras familiares, examinemos, em ligeira analyse, alguns aspectos do problema em foco.

De accordo com o thema escolhido para a conferencia de hoje, discorrerei sobre a Religião e o Operariado, procurando dar-vos, com clareza e simplicidade, algumas noções acerca do assumpto de tão palpitante actualidade.

Comecemos por definir,

O QUE É O OPERARIADO?

Do mesmo etymo de *opus*, em latim *trabalho* veio *operarius*, que vale dizer *trabalhador*. No sentido geral, portanto, operário, é todo aquelle que trabalha, tanto o que empunha a bigorna ou

a serra, como o que maneja a penna ou buril. Em sentido mais restricto, porem e mais commum, se entende por operário o que exerce urna arte, profissão ou serviço, o jornalista, o empregado das fabricas E é nesta accepção, que se usa hoje a palavra operariado como synonymo de proletariado, o que constitue um erro de generalização, a muitos despercebido. Proletário, da forma latina *proletarius*, significa individuo de baixa extracção, membro da ralé, do vulgacho, do povoleó.

Não foi noutro sentido que Plauto empregou *proletarius sermo*, como linguagem plebéa e Aulo Gello *proletarii*, isto é, os que não contribuía para o serviço do Estado sinão com a prole! Ora é bem de ver que nem todo operário, nas condições do mundo hodierno, é proletário e, vice-versa, nem todo proletário faz parte do operariado.

Ha Contudo quem queira emparelhar as duas expressões e como os nossos tempos são, infelizmente, caracterizados pelo confusionismo, deixemos de parte este ponto, que não tem, na pratica, maior importância.

Vejamos antes,

DE QUE PRECISA O OPERARIADO.

Os especializados nos estudos sociológicos, assim como os leigos na matéria, mas dotados de bom senso, estão de accordo em que o operariado necessita, acima ele tudo, de pão para o bôca e pão para a alma, quer dizer, em linguagem corrente, de sustento e instrucção, recursos materiais que lhe permittam manter-se e aos seus e luzes espirituaes, que lhe mostrem o seu papel na sociedade.

O operário, ante o principio christão da egualdade, merece, tanto como o potentado, o amparo e a assistência social, corporificados nesses dois. aspectos — material, que lhe assegure os meios de subsistência digna pelo trabalho remunerado e espiritual, que o oriente na vida, fazendo delle uma parcella útil á sociedade. Isso falando de telhas abaixo, referindo-se tão somente ás necessidades desta vida, encarado o operário em geral, comprehendidos mesmo os que não têm a ven-

tura de crer. A verdade, entretanto, é que, mais do que alimento e ensino, precisa o operário da Fé.

Si a Religião é necessária aos ricos e poderosos, para que refreiem suas paixões incontidas, muito e muito mais ella se faz mister aos pequenos, aos pobres, que só nella encontrarão conforto e balsamo ás alguras da vida.

Ao lado da Religião, outros imperativos de ordem moral, alguns como que della decorrentes, se impõe para a solução do problema social, e que a myopia dos reformadores e mystagogos de certa sociologia barata não consegue lobrigar. O espírito de cooperativismo, a organização de classe, bem entendida, á justiça accessível, rápida e gratuita, a assistência social nos infortúnios, muito mais graves quando falta o auxilio material ou o conforto moral, são outros tantos pontos que exigem o exame dos pensadores e homens de Governo, verdadeiramente cõscios dos seus encargos. Fora dahi, cahimos na perigosa e vaga ideologia dos arautos das novas doutrinas, que nem são novas, nem de doutrina merecem o nome. São elle,

OS FALSOS AMIGOS DO OPERARIADO.

Bem visto que não ha peor inimigo do que aquelle que se apresenta, sob a capa da amizade, fingindo curar do nosso interesse, quando só do seu próprio vae cuidando. Dessa casta são os que, passando por amigos do operariado, tratam apenas de exploral-o em seu proveito, para ganharem, posição, dinheiro e que mais seja. São os amigos-ursos do operariado, todos os revolucionários desde os de 1789 até os de hoje, que têm a Bíblia no «Contracto social» de Rousseau ou no «O Capital» de C. Marx, todos esses que pregaram abertamente, á face dos governos que os toleram, a destruição da ordem social, para se criar em substituição uma nova ordem, que melhor se diria desordem de cousas — para uns, a acracia, ou abolição de todo governo para outros, a dictadura do proletariado, a única que lhes não repugna aos sentimentos equalitarios ou liberaes, para outros, emfim, o communismo, com todas as suas ultimas

conseqüências e inseqüências. Ahi está com que acenam ao operariado: abolição da familia, substituída pelo amor livre, pelo naturismo, como lá o chamam, a proscricção da propriedade, tida como um roubo, a substituição da Religião pelo atheismo official, do pudor pelo nudismo, da hierarchia pela anarchia, da arte pela confusão e pelo mau gosto plebeu! E dominando esse quadro negregado, erigido á altura de um principio, a lucta das classes, é a palavra de ordem do bolchevismo, luta de vida ou morte, principio, meio e fim de toda actividade communista. Lucta das classes, que é, no fundo, a lucta pelo predomínio exclusivo de uma classe, substituindo o regime capitalista, que ninguém nega ser defeituoso, pelo regime communista, immensamente peor, pois si naquelle o operariado quasi não tem direitos, neste, os que não são communistas, não tem direito de espécie alguma. O exemplo russo é eloqüente. Na organização traçada pelo gênio mórbido de Lenine, tirante os que são filiados ao credo da *Tcheka*, o resto é um vil rebanho de escravos a que se

dá — nem sempre — a opção entre o degredo ou o fuzilamento. Apreciando «As falsas bases do communismo», numa série de artigos no «Jornal do Commercio», do Rio, o tenente-coronel Alfredo Severo, positivista, assim se exprimiu, com rara sensatez: «A verdade verdadeira é que tanto os communistas como os capitalistas, manejam frente á frente, a bandeira do egoísmo unilateral da classe a que pertencem...» (1)

O OPERARIADO «SEM DEUS»

Não são amigos do operariado esses que erigem em artigo capital do seu plano de acção a extincção da crença religiosa, luctando, na phrase do commissario Lunatchaski, pela «victoria contra o hediondo aspecto de Deus». Si tiraes a Deus, dizei-me o que fica ao pobre, ao desherdado da fortuna? Bem se lhes responda, sob a mascara, com o intuito perverso que visam com a suppressão da Religião. Em não ha

(1) Jornal do Commercio, de 27-10-1929.

vendo Deus, nem alma, nem outra vida, a lógica socialista, fouerista, marxista, saintsimoniana, ou como a chameis, reduz a vida terrena ao gozo ephemero de uns poucos de annos, que é preciso, custe o que custe, aproveitar, «Si todos os homens são eguaes, diz um historiador emérito, si todos são chamados á felicidade, e si ella deve limitar-se a esta vida e aos bens da terra, a natureza e a lógica exigem que os bens se tornem communs...» (1).

É a eterna tentação com, que, entre as sombras do Paraizo, a serpe acena ao primeiro par humano: «Eritis sicut dii», Sereis como uns deuses. Si se elimina a idéa de Deus, nada mais fácil que se collocar no lugar vago. É o super-homem niestscheano, cujo poder só encontra limites no próprio querer. É a anarchia em seu auge, subversão do mal, a negação da lei mesmo natural, substituída, razão pelo arbítrio, a ordem do espírito pelo instinto da animalidade mais

(1) Rivaux - Historia Ecclesiastica, III, 247.

grosseira. É com isso que os falsos prophetas, do credo moscovita, a soldo da 3ª Internacional, acenam ao operariado. «O socialismo não é a aurora de um mundo novo, mas o crepúsculo de um mundo gasto» diz, com propriedade, um dos nossos mais cultos espíritos contemporâneos (1). Vede que bella perspectiva! Sem Deus, que o conforto — a Religião é proscripta e a sua propagação constitue um crime punido pelo código soviético; sem base sólida de organização familiar — o casamento feito e desfeito como um mero contracto, menos garantido que o de compra e venda ou de aluguel — sem ter direito a possuir cousa alguma — tudo pertence ao Estado omnipotente, que exerce sua tyrannica tutela, até sobre os filhos, mais da Pátria que dos paes — sem pátria — patriotismo é cousa condemnavel, para os «internacionalizados» e Lenine, seu, grande chefe, dizia desconhecer o amor da Pátria (2) — vede a que situação cruel

(1) Tristão de Athayde — Introducção.

(2) P. Charles — Lénin, 135.

ficou reduzido o operário na Rússia, depois que na grande e infeliz terra de Tolstoi triumpharam os paladinos dos novos ideaes, esses mesmos que por aqui andam, lobos com apparencia de ovelhas, a se dizerem «amigos» e defensores do operariado!

E si isso que ahi esta não basta a mostrar-vos o resultado dessa obra satânica promovida «a favor» do operariado pelos seus «devotados amigos», dir-vos-ei, com testemunhas de vista, o que se tem feito

NA SOVIÉCIA

Em matéria de instrucção, tem a palavra o insuspeito Joseph Douillet, que percorreu, a Rússia, em 1928, dando num livro celebre, «Moscou sem véus», as suas impressões: «Os bochevistas censuravam duramente o velho regime por negligenciar a instrucção. Que fizeram após se apossarem do poder? O numero de escolas, sobretudo ruraes, diminuiu sensivelmente! A gratuidade do ensino primário substituído pelo pagamento de varias com-

tribuições. O material escolar antes fornecido pelo Estado, é agora comprado pelos alumnos. Sobre o lado moral, convertida as escolas em núcleos de propaganda communista, «verdadeira escravidão mental como a humanidade, jamais conheceu», basta dizer que livros de pornographia, como o celebre *Anno Nu* de B. Pilniak são dados para leitura e instrucção de jovens de ambos os sexos! (1). Si da instrucção passamos á Justiça — outra necessidade do operariado, veremos que, no conceito do grande dictador vermelho, ella, na Rússia, não passa de uma «modalidade da administração proletaria» composta de delegados da dictadura, nomeados por 12 mezes, mera justiça de classe, o que basta para definil-a como parcial e injusta.

Liberdade, outra bella metaphora com que ao operariado acenam os apóstolos da boa-nova communista! Vejamos como a praticam. «A censura do Glavit elimina implacavelmente toda «ideologia não communista» dos qua-

(1) N' «O Jornal», do Rio.

dros da mentalidade slava, diz, com acerto, um nosso brilhante jornalista (1). Paul Marion, no seu livro «O paraíso moscovita» diz que a posição dos que escrevem é a pior possível na Republica soviética. São suspeitos ou perigosos. E conta, para illustrar, uns, casos curiosos de «censura» que, por não me alongar demasiado, omittirei, com pezar (2). Sobre a organização de família, affirma Agorio, aliás sympathizante ao regime slavo, que si casar fácil, divorciar é ainda mais, pois para casar se exige a vontade dos dois e para divorciar de um só per si é o bastante (3). A officialização do hetairismo, a communitade dos filhos, criados pela Pátria, a legislação do infanticídio, e outras enormidades, algumas das quaes já ensaiadas nos tempos hellenicis, não tendo nem o mérito da novidade — , eis ahi as «bellezas» da Soviécia, do regime social,

(1) Assis Chateaubriand, o Communismo, n' «O Jornal», de 13-3-1931

(2) Deux Russies.

(3) Os deuses vermelhos, 186.

Com que vos seduzem os inconscientes adeptos de uma doutrina que nem conhecem!
Passemos agora a examinar

O QUE A RELIGIÃO PROPÕE AO OPERARIADO

Muito ao invés da attitude desses exploradores do operariado, a Religião, mãe e protectora dos fracos e opprimidos, velou e vela sempre, com solicitude extrema, pelo bem estar e conforto das classes trabalhadoras.

Não fôra preciso mais do que referir-vos o empenho posto a luz pelos Summos Pontífices, desde Leão XIII, no sentido de apontar ao mundo hodierno os males que devem ser corrigidos para o perfeito equilíbrio social. Ahi está a famosa Carta «Rerum Novarum», o mais eloqüente depoimento da Egreja, pela palavra do seu Chefe supremo, em prol do operariado. É ali que se diz aos ricos: «dia virá em que deveis prestar a Deus, vosso Juiz, contas rigorosíssimas do uso que tenhaes feito da vossa riqueza»,.e

aos pobres: «Deus não vos fez para estas cousas caducas e frágeis, mas para as cousas celestes e eternas», e ás duas classes, capitalistas e operários, se ensina que a Igreja ambiciona estreitar-lhes a união, até as ligar uma a outra por laços de verdadeira amizade» (1).

Esses mesmos essa igual orientação vereis em tantos outros documentos papaes, que longo fôra citar, bastando vol-o aponte, por mais recente, a magistral Encyclica «Quadragésimo anno», de S. S. Pio XI, gloriosamente reinante.

Emquanto o materialismo histórico erige em programmas a lucta das classes, o Catholicismo arvora a união das classes, a mutua cooperação, com o seu plano de acção social. Lenine, o chefe do maximalismo, declara. Para nós a moral é inteiramente subordinada aos interesses da lucta de classe do proletariado». (2) Roma oppõe ás

(1) Rerum Novarum — A doutrina da Igreja.

(2) Oldembourg — La revolution bolcheviste, 244.

theorias subversivas a palavra eterna da ordem: «Negar a obediência e revolucionar a sociedade, por meio da sedição, é crime de lesa-magestade, não só humana mas divina. (1) Não fica, porém, no terreno do doutrinário dos ensinamentos a acção da Igreja. Ella vae muito além! Age, Trabalha. Mobiliza elementos. Porfia. Contrapõe ás milícias dos sapadores da sociedade, os seus admiráveis legionários do Bem, os seus Prelados e Sacerdotes, os seus missionários e educadores, as suas Irmãs de Caridade e enfermeiras, e para cada petroleiro que surge cria um novo apóstolo da ordem e da piedade.

São aos centos as suas escolas scientificas e profissionaes, os seus hospitaes e orphanatos, as suas *creches* e as suas missões. E diffunde cada vez mais a obra extraordinária das conferencias vicentinas, que no silencio do anonymato, fazem mais pelo indigente que toda a parolagem vasia dos sedizentes «amigos do povo». Em-

(1) Leão XIII, — Enc. Immortalitate Dei.

quanto a «moral» dos anarchista, ensina ao pobre que é melhor roubar do que pedir esmola, a Igreja indica ao opulento a parábola do Rico e do pobre Lazaro, ao passo que os corypheus socialistas apaniguados ao ouro estrangeiro acenam ao operário com a flammula rubra dos saques equalitários, pregando a solução do problema social pelo punhal e pela dynamite, a Igreja promove, maternalmente, o reajustamento das classes, e manda que o que possui mais que o necessário dê o sobejo aos que não possuem e a estes afirma que há uma outra vida de compensação e de justiça indefectível.

A Carlos Marx e Proudhon oppõe Francisco de Assis e Vicente de Paulo, e a figura torva de um Ferrer ou de um Gorguloff, a imagem cândida do Santo Cura d'Ars. A'quelles que tentaram, no Kremlim, no dizer insuspeito de Camillo de Mauclair, «a experiência mais reaccionaria que todos os despotismos», a Religião responde com a palavra eterna do Vaticano: «Os verdadeiros amigos do povo não são

revolucionários nem innovadores, mas sim tradicionalistas» (1).

É essa de resto,

A LIÇÃO DA HISTORIA

No observar o passado é que podemos, com acerto, tirar conclusões para o presente. Que era o operário antes de Christo? Um sêr desprezível e indigno, até do nome de cidadão, Aristóteles, o maior dos philosophos gregos, tinha o trabalho como aviltante para um homem livre. Cícero, o maior dos pensadores latinos, exceptuava dos serviços que deshonram apenas a medicina e a architectura. Trabalhador e escravo se equivaliam na Hellade, berço da Arte e na gloriosa Roma, pátria do Direito. Terencio proclamava pela boca de um de seus personagens que para um homem se fazer respeitar devia não ser forçado a trabalhar para ganhar o pão (2). Quão

(1) Pio X, — Enc. contra Sillon

(2) Apud Duvivier, Apologetica II Pte, Cap. V, art. 2 n. 3.

longe estamos dessa moral, graças ao influxo da Religião christan que dignificou o trabalho na pessoa do seu divino Fundador, operário, filho de operário, amigo dos humildes e dos trabalhadores! A Edade-media, tão aviltada pela ignorância e pela má fé dos sectários, foi o período áureo da historia do operariado. Organizam-se as corporações de classes, o artesanato, visando o amparo dos operários contra a oppressão dos senhores. Por outro lado, os conventos são officinas em que cada monge é um operário. É na época memorável da construcção das Cathedraes, dos Mosteiros e das Universidades catholicas, de sorte que um norte-americano, filho da mais pratica das nações extra-européas, no dizer de Tristão de Athayde, pode asseverar que o século XIII é o maior da Historia (1). Vede que tudo que hoje se pretende erguer como novidade — defesa do operariado, syndicalismo, espírito cooperativo ou de classes — já encontra o seu germe, sinão que a sua mesma floração,

(1) Tristão de Athayde, op. cit. 116.

Na organização theocratica do Estado, em plena edade medieval. Bem razão assistia a Chateaubriand quando exclamou que sem o concurso christão, «o naufrágio da sociedade e das luzes teria sido total!» (1). Antes de encerrar esta conversa, acolhamo-nos, por um pouco, em meio á procela que vae por fora, desencadeada por más paixões desaçaimadas, acolhamo-nos, recapitulando o que fica dito, á enseada do

BOM SENSO E BOA RAZÃO

Já vimos quão insinceras e fallazes são as promessas dos Messias do credo slavo, além de tudo incompatível com a nossa tradição histórica e o nosso claro espírito latino.

Observamos já que é só no regaço maternal da Religião que encontram abrigo o pobre, o desamparado, a quem Jesus, da penumbra dos seus templos, como outrora do alto das Montanhas da Galiléa, continua a dizer — Bem-

(1) Genie du Christianisme, II, 364.

aventurados os que choram, porque serão consolados. Pela digressão através do passado, como pelo testigo imparcial, dos contemporâneos, vos evidenciei que não é a solução russa de 1917 que jamais solucionará o problema social, apenas agravado. Notamos ainda que a Religião é o único amparo seguro dos operários, essa Religião que, pela boca do seu *leader*, o Communismo considera o *vodka* de baixa qualidade — uma espécie assim de «canninha» — com que o povo esquece os seus sofrimentos. Mas, perguntae-lhes o que é que elles oferecem para substituir a Religião na alma do operário, que consolo lhe podem dar para compensar as promessas divinas que lhe tiram? Dão ballelas e chimeras, fantazias irrealizáveis, dessas que a gíria consagrou pela expressiva formula de «tapeação». Isso e nada mais. De que melhor arma podemos pretender se lance mão contra a propaganda infiltrada das doutrinas corrosivas, do que a instrucção? Instruamos a operário. Abramos-lhe as vistas contra os falsos conductores, cegos com pre-

tenções a guiar os seus semelhantes! Em terreno nenhum o communismo acha mais fértil germinação que nos espíritos ignorantes. Instruído, o operário saberá repellir as investidas dos agentes da Soviécia, que, entre nós, já conceituaram ser o nosso operariado composto quasi sómente de lesmas e analfabetos! «A melhor barreira que podemos oppor á onda vermelha da desordem, é inilludivelmente a da educação popular», (1) disse-o Thales de Azevedo, joven publicista catholico da Bahia. Instruamos o povo, o operariado, e o espectro hediondo do Communismo se dissipará como um mão sonho, um desses pesadelos que, á luz da alvorada, se esfazem por si mesmos. Em recentíssimo e mais que opportuno ensaio, o eminente polyigrapho Calogeras, uma das ilegítimas glorias do saber e da fé em nossas letras, assim se exprime: «Cumpre obter a collaboração das massas profundas das populações, principalmente nos meios operários. As Semanas sociaes,

(1) Archivo Mariano, 535.

a educação da juventude, as associações christans, os centros de estudos segundo os ensinamentos da fé, os exercícios espirituaes, são, alem de outros, os poderosos elementos que permittirão estabelecer-se, á sombra da Igreja maternal, e de accordo com a licção do Salvador, a grandiosa «Pax Christi in Regno Christi» (1).

CONCLUSÕES

Chegamos á conclusão ou antes ás conclusões. Poderia ainda aqui dizer como Tristão de Athayde, nunca assaz citado: «Não desejo concluir causa alguma. Ou a conclusão está clara em cada pagina, como creio e ser inútil repetil-a. Ou está obscura, e já é tarde para illuminal-a.» (2)

Uma cousa sómente quero frizar: a actualidade, a oportunidade, a inadiabilidade do problema posto em tela. O Brasil sae de uma nebulosa, que é a Revolução, para a sua reorganização politica, ansiosamente esperada. Es-

(1) Conceito christão do trabalho, 40.

(2) ap. cit. Pág. 473

tamos numa hora decisiva, uma dessas encruzilhadas trágicas, em que se decide o destino de um povo. Ou retomamos o feito conservador, jurídico, tradicional da nossa politica, desde o Império, ou descambamos pelo plano inclinado da força e das aventuras communistas, com que se rotula a anarchia legalizada. O operariado é uma das grandes forças numéricas em jogo. Com o desassombro de um amigo dos operários, que não é partidário, que não tem aspiração politica outra, senão ver o seu paiz engrandecido, á sombra da Cruz e dentro da Lei, ousou denunciar-vos o grande perigo. Operários, guardae bem estas palavras A Religião, eis a vossa protectora! O communismo, eis o vosso inimigo!

Religião e Tradicionalismo

CONFERENCIA LIDA NA SESSÃO SOLENNE
NO SALÃO PIO XI, DO ASYLO S. RITA, PELA
LIGA CATHOLICA, EM COMMEMORAÇÃO
AO 1.º CENTENARIO DO BISPADO DE
CUYABÁ.

No prosseguimento da série que se propoz levar á cabo, a «Liga Catholica» realiza hoje a segunda conferencia na qual me cabe desenvolver a these subordinada á seguinte epigraphe: Religião e tradicionalismo.

Melhor opportunidade se nos não proporcionaria que esta da commemoração do 1.º Centenário da criação do Bispado de Cuyabá, que, com sêr uma data gloriosa nos fastos religiosos de nossa terra, o é igualmente nos annaes de nossa Historia, deixando assim, de revestir-se da simples significação de uma festa catholica para assumir as proporções de um acontecimento memorável para todos os que cultivam o estudo edificante e cheio de ensinamentos do nosso passado.

Effectivamente, Senhores, o centenário do Bispado de Cuyabá, é algo mais que uma simples data marcando a passagem do primeiro século sobre a, criação da Diocese, dessa grande Comarca espiritual sob a jurisdição

Pela boa causa, 3

de um Prelado: é dada a importância histórica e social de que tal facto se revestiu para nós, dado o invulgar dos ocupantes desse sólio tradicional, dada, sobretudo, a actuação moral exercida, continuamente, sobre a psyche mattogrossense pela mentalidade catholica, pelo clero catholico, pelas crenças catholicas, um facto extraordinário, a cuja memoração concorrem até os elementos que não se integram ao nosso credo e divergem do nosso modo de encarar o problema religioso e moral da sociedade.

É que catholicismo entre nós se casa tão intimamente á tradição, á historia, ao Passado todo de nossa terra, que representa, por assim dizer, a própria alma mattogrossense, a continuidade da ordem e da disciplina, o elemento ponderável do progresso, a essência mesma da nossa evolução de povo livre e consciente.

Ahi está porque nesta data gaudente, quiz me parecer nada pudesse soar melhor aos nossos ouvidos que a palavra, posto que desautorizada,

repleta de sinceridade, de um pesquisador constante e obscuro de vossas chronicas, a evocar-vos, em ligeiro diorama retrospectivo, todo o desenrolar de nossa evolução, desde os mais longínquos antecedentes históricos, afim de patentear-vos, á plena luz da verdade, a proeminência indiscutível dessa Religião sagrada, que fez o conforto, a delicia e a razão de ser dos nossos antepassados e que, no seu mixto de poesia e de força moral, de mysticismo e de nobreza, forma a barreira inexpugnável contra a onda demagógica, aviltadora do character e do pudor, hoje, crescente e avassaladora nas sociedades contemporâneas. Religião que, por bem nosso, devemos trabalhar por manter integra e indestructivel, como o mais puro legado a transmittir ás novas gerações...

A RELIGIÃO NA FORMAÇÃO ETHNICA

Si, como frisa magistralmente Oliveira Vianna, no prefacio da «Evolução do povo brasileiro» — «cada povo tem a sua maneira, própria de

ser e de existir, e essa maneira só a historia, pela comparação das diversas phases evolutivas de cada um, é capaz de definir com precisão — no estudo da evolução da *gens* mattogrossense ha mister, para bem caracterisal-a, aprofundar-se até as suas raizes no passado e ir buscar nas suas componentes raciaes as premissas de que logicamente se hão de inferir os seus attributos bons ou máos, virtudes ou vícios, heroísmos ou maldades, no estagio actual da sua civilização.

Ora, na analyse dos elementos ethnicos que, numa amalgama curiosa, confizeram o mattogrossense de hoje, certo se impõe logo á consideração impressiona pelo relevo que assume o aspecto religioso sobrelevando a qualquer outro e imprimindo um vinculo característico e uma feição inconfundível aos povoadores da maravilhosa Mesopotâmia brasileira, que, entre as bacias do Amazonas e do Prata, abre aos fecundantes beijos do sol dos trópicos, o seu seio dadivoso em que Deus como que cumulou, com especial carinho, todas as suas liberalidades.

De portuguezes e paulistas se fez, alem dos elementos autochtones e dos escravos importados, o caldeamento em que se fundiu, aos influxos de um meio cósmico incomparável, o typo do mattogrossense actual com as variantes de zona e clima que comporta a vastíssima extensão territorial a desdobrar toda uma escala de aspectos naturaes e climatérios que vai desde as grandes canículas que comburam e estiolam os campos até os rigores hibernaes em que, sobre os planaltos immensos, a geada estende o seu lençol alvinitente, ao sopro do sul que os varre e extremo a extremo.

Espelhando, com as naturaes modificações do *habitat*, a alma avôenga de que se originou, o mattogrossense de nossos dias mantem indestructivel e visceralmente a fibra da religiosidade, no cerne da sua organização psychica, como verdadeiro legado atávico das gerações que o precederam no cenário da Historia.

Operou-se, nesse conglomerado de raças, um como processo de seleção mental, fazendo que preponderasse o

Catholicismo do luzo ao bandeirante, — dois typos de raça superior, colonizadores e aventureiros — sobre a mescla da grosseira superstição do africano e a thegonia primitiva indígena.

O PORTUGUEZ E O PAULISTA

O portuguez — sobretudo o que veio para Matto Grosso, o minhoto— é medularmente religioso, e excusae-me si me fórro á de vol-o comprovar, pois este facto, pertence á natureza daquelles truísmos históricos prescindentes de prova e que só podem sorprehender a quem de todo leigo, se mostre em taes assumptos.

Ramo da velha Ibéria catholica, o lusitano sempre levou, a par do glorioso pavilhão das quinas, o estandarte invicto da Cruz, a todas as paragens conquistadas, e já o seu sublime aédo punha na bôcca do Gama, o «valeroso Capitão» estas palavras, verdadeira profissão de fé, com que replica á interpellação do rei de Moçambique.

A lei tenho d'Aquelle, a cujo império Obedece o visibil e invisibil.

Aquelle que creou todo o hemispherio,
Tudo o que sente e todo o insensibil,
Que padeceu deshonra e vitupério,
Soffrendo morte injusta e insoffribil,
E que do Céu a terra emfim desceu,
Por subir os mortaes da terra ao Céu.

E os paulistas? Que dizer-vos dessa raça forte, pujante, extraordinária que a Saint-Hilaire se deparou «uma raça de gigantes e a quem AffonsoTaunay, em vehemente apostrophe, intitula «os constructores épicos do Brasil central e meridional»?

Notae bem que fallando em paulistas subdigo nessa expressão os mineiros povoadores do valle do Parahyba e das campanhas do sul e os goyanos, que nos ajudaram a popular o vastíssimo sertão lestino — pois de paulistas todos descendemos, desses intrépidos devassadores do sertão, que inscreveram com o seu sangue heróico essa epopéa homérica do bandeirismo e, antepondo-se ás convenções internacionaes, sobrepujaram pela conquista

territorial o próprio meridiano de Tordezilhas — no conceito feliz de Alfredo Ellis Junior.

Do catholicismo firme e convicto do paulista enxamêam as provas nos documentos coevos e quem, por pouco interessado em nossa Historia, não terá lido os curiosos ensaios de Alcântara Machado acerca das devoções do bandeirante — estudadas com inteira insuspeição, na flagrância dos próprios testemunhos que afloram dos alfarrábios de nossa historia colonial?

Perlustrae de animo desprevenido, com o espírito do historiographo isento de parcialidade, os Archivos venerandos de nosso Passado, os livros e documentos, autos, assentos, testamentárias, e lá vereis, a cada passo, em cada linha, a invocação de Deus e dos Santos, os legados e deixas piedosas, as ingênuas e tocantes declarações de crença, os votos e promessas, ás dádivas ás Egrejas, as disposições do bem d'álma, as bullas da Santa Cruzada, e as devoções piedosas e rústicas do bandeirante, novedios de outras antigas devoções peninsulares transplantadas ao solo virgem da América.

AS TERRAS ANCESTRAES

Que de vezes, esfolando de arripio a mysteriosa corrente das gerações, vai-se-me a alma propensa a todas as evocações, a montante do Passado até as nossas velhas terras ancestraes, madres augustas das raças novas, chamem-se ellas Burgos ou Sevilha, na Hespanha, Braga ou Lisbôa, em Portugal, Itú, Piratininga ou Ararituaba, em S. Paulo, Serro Frio ou Caeté, em Minas, — e, ali, genuflectindo-me em espírito, revejo a figura veneranda dos que antes de nós se prosternaram ante essas velhas imagens que se conservam de paes a filhos no oratório da família, oscularam na ultima e suprema angustia, o Christo que os nossos filhos ainda beijam e uniram-se em uma hora de doces idyllios epithalamicos, sob as bençans dessa mesma Virgem a que as nossas donzellas exoram nos anseios castos da sua florea adolescência.

E, séculos em fora, nas antiqüíssimas cidades ibéricas, no bojo das caravellas, que o vento da esperança impelle a um mundo novo, na orla littoranea onde se

estacou o primeiro influxo civilizador, depois na arremetida heróica sertão a dentro, seja na monção a arrastar-se de rio em rio, ou atravez de varações, seja nas bandeiras, a penetrar a selva inhospita, nos arraiaes, na choupana humilde dos povoados que surgem, — sempre o mesmo sentimento religioso, sobrenadando a todo oceano de ironias, de crimes, de ambições e de carnalidades, como uma dessas maravilhosas nynphas dos pantanaes e dos aguapés silenciosos, que desatam, sob o azul mystico dos céus, o seu beijo immaculado no meio dos paues mais venenosos.

Recordae-vos daquela pagina em que o estupendo cinzelador dos «Sertões» gravou no bronze do seu estylo imperecível, uma scena tão commum, tão trivial, na vida sertaneja, mas que assume as proporções de uma pagina épica, ou de uma illuminura de um Fra. Angélico rústico e primitivo, traçada a ouro e mínio, no Livro de Horas de alguma Patrícia do século X:

«Quem vê a família sertaneja, ao cahir da noite, ante o oratório tosco

ou o registro paupérrimo, á meia luz das candeias de azeite, orando pelas almas dos mortos queridos, ou procurando alentos á vida tormentosa, encanta-se».

E é realmente um encanto, pois que nenhuma outra palavra exprime a impressão que suggere o spectaculo dessa crença rústica e firme, singela e inabalável, que se herda com o sangue e com elle se transmite, predestinação atávica, gloria humilde de nossa gente, contra a qual, como de encontro ao aço das fortalezas, em vão se hão de embater as campanhas desnacionalizadoras que visam desfibrar-nos de nossas melhores energias e das nossas mais vivas resistências.

O TRIPTICO DE NOSSA HISTORIA

Que bella pagina de archeologia escreveria quem se propuzesse a estudar o histórico de nossas egrejas!

Affonso Arinos, o nobre epigono do mais sadio nacionalismo, desse nacionalismo que, no dizer de Tristão de

Athayde, jamais se converteu em preconceito e por isso mesmo foi sempre nobremente brasileiro, sem nativismos acanhados e intolerantes, numa de suas obras mais interessantes, quiçá a mais brasileira de suas produções, — As lendas e tradições brasileiras — descreve-nos essas igrejas históricas, verdadeiros presepes de onde nasceu e irradiou ascencionalmente a religiosidade do nosso povo: a igreja da Graça, na Bahia, a do Castello, no Rio e a do Collegio, em S. Paulo, que formaram, no seu conceito «o grande triptico da Historia do Brasil» E diz:

«Quando começar a haver na nossa terra um pouco de gosto e pouco mais de dignidade, quando deixarmos de ser em arte e literatura, copistas servis ou imitadores sem escrúpulo, os artistas futuros hão de procurar nos santeiros e encarnadores anonymos que tantas imagens patheticas deixaram nos nossos retabulos; nos ingênuos pintores das nossas capellas; nos architedos dos nossos altares — as primeiras e tocantes manifestações do pensamento artístico brasileiro, como se buscou

nos mosteiros e igrejas italianas dos séculos XIV e XV o traço suavíssimo dos primitivos».

AS CHRONICAS PRIMITIVAS

Abri Senhores, a chronica inicial de nossa terra, aquellas paginas veneráveis dos Annaes do Senado da Câmara do Cuyabá que no seu amarelescido de marfim antigo assemelham-se a augustas relíquias de um Passado amorável.

Folheae esse palimpsesto que guarda as nossas tradições mais queridas, a narração pinturesca de Joseph Barbosa de Sá, o insigne memorialista cujo sesquicentenário da morte passou quasi despercebido á frivolidade contemporânea, a 30 de Maio ultimo, e ali, entre o alvoroço do descobrimento, vos persuadireis que acima do fascínio do ouro e da ambição da preá ao índio, algo prepondera no animo daquelles destemerosos sertanistas que fizeram o Brasil no enlace victorioso de suas avançadas.

Eil-os que chegam, apos duras caminhadas, a estas paragens distantes

e avistam o «o aurífero rio de ondas gaias», o formoso Coxipó-Mirim e, á sua margem, na histórica forquilha, berço da civilização mattogrossense, levantaram o primeiro templo erigido em terras cuyabanas.

Dahi se passaram logo todos para o Coxipó acima, ao lugar que já tratamos, chamado a Forquilha, onde formara, arraial e levantaram igreja com o titulo de Nossa Senhora da Penha de França, celebraram-se os officios divinos, sendo o primeiro que fez as vezes de capellão, por eleição dos mais, o padre Jeronymo Botelho...

Vede bem: o historiador dos successos primeiros da conquista e devassamento do sertão mattogrossense não dissimula antes evidencia a proeminência do culto sobre qualquer outra preocupação dos entrevindos.

Antes que o pendão real se içasse em signal da posse pacifica e mansa da nova terra, alça-se a Cruz, pavilhão da conquista espiritual, symbolo do domínio do Christo, braços abertos para abranger todos os súbditos do novo Reino.

Sobrelevando qualquer cerimônia official, o delubro mystico do sacrificio; antepondo-se a funcção dos guarda-móres e intendentes das Minas, a do capellão, guarda-mór das tradições religiosas do bandeirante; precedendo a casa da arrecadação, a Câmara e o pelourinho, a casa de Deus, rústica embora, mas, naquelle ambiente sertanejo, desabrochando em doçuras de espiritualismo e de prece, pois naquelles rudes homens, «a fome do ouro espiritualizava-se na fé» na expressiva conceituação de Affonso Arinos.

No seu nomadismo á que os impulsionava, alem do próprio modo de vida, a riqueza do sub-solo, a desatar-se em prodigialidades assombrosas, os descobridores, dentro em pouco, á noticia das lavras de Miguel Subtil, se deslocam em massa para o novo rumo empós da que lhes constava ser «a maior mancha que se tem achado em todo o Brasil».

É Cuyabá, a bi-secular cidade, que exsurge, como Golconda ou Potosi, na rutilação do ouro, a desvairar a imaginação...

Crede, porem, que, mal,alojados nos seus ranchos de colmo, construídos a mercê das conveniências do serviço ao longo do valle da Prainha ou galgando pittorescamente as faldas do Rosário, tratariam aquelles homens, como principal objecto de suas cogitações, de construir seguras moradias, para os seus, alojações para a Fazenda Real, ou vivendas para os funcionarios da mesma?

Escutae o testemunho fidedigno do chronista:

«Neste mesmo anno (1723) levantou o Capitão-mór Jacintho Barbosa Lopes, á sua custa, a Igreja Matriz, coberta de palha, no mesmo lugar, em que se acha a que hoje existe, dando-lhe o titulo de Igreja do Senhor Bom Jesus de Cuyabá, adonde, celebrou primeira missa seu irmão Fr. Pacifico dos Anjos, religioso franciscano».

É a velha archi-avó da nossa Cathedral de hoje, germe da piedosa devoção do Bom Jesus, tão radicada na alma dos cuyabanos como as noções substanciaes de Pátria, de Família, de Dignidade.

Completando a obra de Jacintho Barbosa se erguia, na mesma época, fructo humilde da devoção da gente da gleba, a capelinha de S. Benedicto, junto ao lugar que posteriormente se chamou Rua do Sebo, levantada pelos escravos, já por Nogueira Coelho sommados em perto de três milheiros, no anno em que o arraial passava a villa a florescente Cuyabá.

OS VIGARIOS D'ANTANHO

Em 1739 o zelo do vigário P. João Caetano, dava inicio á construcção da capella-mór da nova Matriz, appellando para os sentimentos religiosos do povo, ressaltando a necessidade da construcção de outra igreja mais condizente com a prosperidade do lugar «por ser a que havia muito pequena, feita de pau a pique e coberta de palha».

Construída, porém, a capella-mór, toda de taipa soccada e «tão ampla que lhe ficava dentro a antiga» eis que já depois de coberta ameaçava ruir toda a edificação, salvando-se-lhe, ás pressas as madeiras e telhas.

Pela boa causa, 4

PELA BOA CAUSA

Tão tremendo revéz longe de desanimar o Vigário o incita a novo e agora mais seguro commedimento.

No anno seguinte (1740) solicita novo auxilio para levar a cabo o seu intento, contribuindo — dizem as chronicas — cada pessoa de confissão com doze vinténs de ouro e assumindo P. João Caetano o compromisso de integrar a quantia necessária ao acabamento das obras.

E sob a direcção do P. Dr. José Pereira de Aranda «o grande operário e zelador da obra» erguem-se as paredes, colloca-se a cobertura, constroem-se os altares e com pouco ali era celebrado o officio divino em mais digno recinto.

Era a nova igreja acaçapada e sem torre, de sorte que a fachada lhe faltava complemento, até que, em 1771, no vicariato do P. Dr. José Pereira Duarte, com o obulo generoso dos fieis e graças ao prestante auxilio de Fr. José da Conceição Passo d'Arcos, religioso leigo e esmoler da Terra Santa «que trabalhou muito com a sua pessoa e deu as insinuações precisas»

JOSÉ DE MESQUITA

foi erigida a primeira torre da Cathedral, em forma de pyramide, que se conservou até 1868, quando foi substituída pela actual, construída no episcopado de D. José pelo architecto italiano Tortoroli.

Com o legado do P. Damião Corrêa Leitão, fallecido em 1754, em Villa Bella, se edifica a Fabrica da Matriz, sendo os consistórios lateraes posteriormente construídos a expensas das Irmandades do Bom Jesus e S. Miguel.

Por volta de 1781 dá-se começo á pintura e decoração dos altares, sendo desse trabalho encarregado João Marcos Ferreira, pintor e dourador, vindo das minas de Goyaz e que também se occupou de idêntico serviço na igreja de S. Anna do Sacramento da Chapada.

As festas sumptuosissimas que em Cuyabá se realizaram em 1817, á chegada da nova da aclamação de D. João VI, no Rio, em consequência da morte de D. Maria I no anno anterior, deram ensejo a que passasse a Cathedral por geral remodelação e limpeza.

Refere o chronista — já então o Cap. Joaquim da Costa Siqueira, — que estando a igreja «bastante arruinada» e «como devia ser a primeira cousa em que se cuidasse dar graças a Deus, pedindo a conservação da vida de Sua Majestade e de sua Real família, e da prosperidade do Reino Unido» tratou logo o Governador João Carlos de promover os consertos necessários afim de que ella «se pozesse com aquella decência necessária».

E accrescenta, mais adiante, de forma a evidenciar o alcance do serviço realizado:

«... Em tudo se boliu, desde o tecto até ao pavimento, e tudo se apromptou como se de desejava, de maneira que tanto interna como externamente ficou parecendo um Templo novo».

Só em 1877, já no governo episcopal de D.Carlos, veio a passar a Cathedral, por outra geral remodelação, sendo em 1881 redourados e repintados os altares precisamente um século depois da primeira douração e — circumstancia curiosa — occupanda-se da Obra um outro artista goyano, Henrique da Veiga Jardim.

AS NOSSAS VELHAS EGREJAS

Velha igreja, a cuja sombra discreta levaram tantas gerações de cuyabanos as suas preces, as suas lagrimas, os seus soluços, os seus anseios, as suas esperanças!

Velha igreja, em cujo recinto repousam os fundadores desta cidade, os patriarchas de nossa Historia, desde Paschoal Moreira, todos esses Mortos que fizeram com o vigor da sua intelligencia e dos seus braços o que hoje somos, alicerçadores da nossa grandeza e do nosso progresso. Mortos que, no dizer de Walt Withman, o grande bardo norte-americano, «são os verdadeiros vivos, os únicos que realmente vivem, quando os vivos o mais das vezes não passam de visões ou phantasmagorias!».

Velha igreja, para onde se encaminhavam, sob o pallio, entre alas de milicianos, acompanhados da vereança, do clero e da nobreza, os Capitães-Generaes vindos das terras longínquas do ultra-mar para o governo da remota Capitania, indo, antes de tudo, implorar ao supremo distribuidor das graças,

os dons da sua munificência, sem os quaes nada subsiste, tudo caduca e se corrompe!

Velha igreja, cujos sinos vibraram, como si foram o próprio coração da cidade «em repiques de febre, em dobres afinados, em rebates de angustia» nas hora de glorificação e nas horas de martyrio, nas apotheoses triumphaes e nas lúgubres endoenças, nos Te Deums votivos e nas exéquias reaes de rara sumptuosidade, nas alleluias como nas «preces» exorativas da misericórdia divina, quando o flagelo da peste, da guerra, das calamidades pairava, como um avantesma, nos claros horizontes cuyabanos!

Velha igreja, em que cada pedra parece gritar e conclamar a nossa fé, cada palmo do pavimento assignala uma hora feliz ou amarga da nossa vida, um episodio festivo ou lutulento, uma gala risonha de epithalamio ou um funéreo momento de saudade!

Velha igreja, vedeta imperecível de nossas crenças, atalaia vigilante de nossas tradições, que, á semelhança da Acrópole para os athenienses e do Capitolio para os latinos, resumes e integras a

nossa Historia, compendias e illumina o nosso Passado, mau grado todos os sectarismos de que andam a fazer praça esses que vivem a vida estéril de um dia, materializada pela ânsia do dinheiro e do prazer!

Velha igreja, marco glorioso do Catholicismo de nosso povo, monumento que abriga o solio hoje centenário do Bispado de Cuyabá — eu te saúdo, e saúdo em ti todas as tuas irmans, as igrejas de minha terra, que bem merecem dellas se diga o que das Velhas igrejas de França disse Maurice Barres: «Respeitae estas pedras ao mesmo tempo nobres e efficazes, estas pedras necessárias ao integral desenvolvimento do individuo».

Eu saúdo em ti a histórica Matriz da SS. Trindade e a igreja de S. Antonio dos Militares, da lendária Villa-Bella, erguendo a sua pezada alvenaria ao extremo do caes que costêa o Guaporé, entre as verdes laranjeiras, cheias, ao pôr do sol, do canto álaire das graúnas celebradas por Taunay, os templos não menos venerandos do Diamantino, da velha cidade mineira,

augusta inda no seu declínio doloroso, a que o vandalismo sacrilegamente deitou as garras aduncas de um saque criminoso: as igrejas de S. Pedro del Rey e Villa Maria; a sumptuosa igreja da Chapada, edificada pela piedade amável do Dr. José Carlos Pereira, o mesmo construtor da primitiva S. Gonçalo do Porto Geral; e as igrejas do Sul, a que o martyrio envolve da aureola de uma fastígio ainda mais sagrado, igrejas de Nioac e de Miranda, depredadas, saqueadas, incendiadas pelo invasor cruel — e todas essas anonymas capellinhas que, num desvão obscuro de valle, no cocoruto branco de uma serra, no rico scenario de um engenho ou no meio das taperas solitárias e nuas, se erguem, evocadoramente, á guiza daquellas «alvas ermidinhas sob azues maguados» que inspiraram ao poeta dos «Simples» estes versos suavíssimos:

«Alvas capellinhas sempre milagrosas,
Sois nessas alturas para os olhos meus,
Como ninhos virgens d'orações piedosas,
Miradouros brancos de luar e rosas,
Donde as almas simples entrevêem Deus!»

O CLERO MATTOGROSSENSE

Si a igreja material synthetisa o espírito religioso de um povo, a sua mentalidade se vai espelhar nos ministros que representam a continuidade histórica da missão de Christo e o verdadeiro índice da acção catholica em determinado meio se encontra no seu clero.

Da acção dos sacerdotes em nosso paiz desde a sua formação ha os mais eloquentes attestados que mostram ter passado o influxo sectário na apreciação dos trabalhos operados pelo clero, chegando essa «época beneficemente justiceira para a Historia», a que allude o P. Luiz Gonzaga Cabral na sua recentíssima obra «Os Jesuítas no Brasil».

Escreveu o illustre Arcebispo de S. Paulo, D. Duarte, valiosa monographia, contributiva ao Centenário da Independência, na qual punha em relevo o papel do clero brasileiro nas luctas em prol da emancipação politica do paiz.

Bem fácil me andaria a tarefa si aqui me propuzesse mostrar-vos a actuação

do nosso clero na diversas phases da Historia de Matto-Grosso.

De muito alongada, porem, que já vai esta palestra, me vejo compellido a synthetisar em alguns vultos mais representativos a acção esclarecida, intelligente e patriótica do ministério catholico em nosso meio.

Apontar-vos-ei, pois, tão sómente um P. Estevam de Castro e P. Agostinho Lourenço, da Companhia de Jesus, vindos com Rolim de Moura, para o serviço de catechese e que a odiosidade pombalina expulsou da Capitania; um D. Luiz de Castro, presidindo a junta governativa de 1821; um Padre-Mestre José Manoel de Siqueira, sábio e naturalista «primeira flor da intellectualidade mattogrossense» como o cognominou, num acertado epitheto, o Arcebispo D. Aquino; um P. Manoel Alves da Cunha, maneiroso e hábil político que chefiou o Governo Provisório de Villa-Bella, em 1823, e que «tinha a fama de ser a intelligencia mais culta da Província»; um Frei José Maria de Macerata, o modesto Capuchinho a que a lenda empresta

um halo de santidade e em cuja tumba se diz haver florido um lyrio roxo, da cor de suas vestes; um Cônego José da Silva Guimarães que, por três vezes, geriu os destinos da Província e logrou ser membro do Instituto Histórico Brasileiro; um D. José, que foi membro da Câmara dos Deputados, verdadeiro *self-made man*, que graças ao seu esforço, subiu do fundo da sua obscuridade orphão paupérrimo ás mais altas posições; um P. Ferro, político moderado e bemquisto que deixou o renome de um coração aberto a todas as necessidades; um P. Ernesto, educador emérito, jornalista vibrante e tribuno destemido, a quem as auras do poder jamais envaideceram nem intimidaram; um P. Sampaio, heróe da retomada de Corumbá, espírito fino, cultor das letras e da arte theatral; um D. Carlos d'Amour, cujo glorioso episcopado é de hontem e todos vós testemunhastes; um Monsenhor Bento, tão illustre quanto modesto e tantos outros, para só fallar dos que já a morte colheu, envolvendo-os na sua consagração e entregando-os ao juízo sereno dos posteros.

RASGO DE FÉ E HEROISMO

Que dizer-vos, Senhores, dessa alma heróica de nossa gente, blindada na tempera robusta da fé, que, acima de todos os prêmios que fallam aos appetites terrenos, faz do homem o grande pelejador da maiores pugas?

Desdobrar aos vossos olhos essas paginas sublimes em que a crença e a heroicidade a mãos ambas se conjugam seria pervagar atravez de nossa Historia toda cheia de taes lances, mas baste-me apontar-vos D. José entre o fragor do drama em que, a 30 de maio de 1834; desfechou o exaltado nativismo dos nossos maiores, a alçar o Crucifixo, no meio daquella horda allucinada pela paixão, pela ganância ou pelo ódio ou, no anno trágico das «bexigas», transformando a sua moradia em hospital e desvelando-se no carinhoso trato dos enfermos...

Não menos bella a retirada de Coimbra, alta noite, após uma resistêcia de dois dias de agonia, oppondo-se 150 homens a uma legião orçante em mais de 4.000, quando, a bordo do

«Amambahy» precedidos pela filha do Commandante, que conduzia a orago do Forte — Nossa Senhora do Carmo — á mercê da treva nocturna se conseguiram salvar da sanha do invasor.

E essa retirada do Sará, atravez dos pantanaes, curtindo provações de toda a sorte, com que a columna de Mello o Bravo salvou a vida de inermes creaturas, chegando, ao fim de aspérrima jornada, á capital que os recebe entre aclamações e arcos floraes, e indo, antes de nada, á Igreja, render ao Deus dos Exércitos o preito de sua gratidão commovedora ...

Muito me sobraria dizer vos, Senhores, acerca de nossas festas e devoções populares, do curioso *folk-lore* em que avultam, na sua simplicidade caroável, as crenças ingênuas do nosso sertanejo, das lendas pittorescas, como a de Nossa Senhora do Livramento, e outras, algumas recontadas pelo nosso confrade Feliciano Galdino no seu interessante compilario... mas, fôra fatigar-vos e, demais, o veeiro é inexaurível para que eu tenha siquer o ousio de exgottal-o. Baste o que ahi já fica.

PERORAÇÃO

Arguir-me-á por certo algum desses espíritos em que a imaginação se fanou, como flor no mais ardente dos estios, do muito devaneio e poesia que contem estas paginas, destinadas ao desenvolvimento de um thema de Historia.

A objecção, porem, não virá que já não tope de caminho replica franca e decisiva.

Como Zorrilla San Martin, o sublime cantor de Artigas e do Tabaré, sustento convictamente que «as historias dos poetas são as vezes mais historias que a dos historiadores» e, pois que a lenda nada mais é que a poesia do Passado, resta, inilludível, que é nessa Poesia que vive e palpita a alma de todos os povos.

Homéro e os rhapsodos gregos trazem muito mais luz ás eras primitivas da Hellade que o próprio Heródoto tido e havido por pai da Historia universal.

E já que fallamos em poesia e poetas, dae que, ao finalizar, vos traga á mente uma das mais formosas concepções

do gênio poético de nossa pátria, aquella poesia em que Alberto de Oliveira vasou em forma clássica e perfeita a emocionante agonia da torre solitária, esquecida e abandonada, onde apenas a andorinha errante vem beber, por vezes, «na rôta clarabóia um pingo d'água»

E deblatera o poeta, em duras phrases, contra a época que atravessamos:

Tendes em que matar a sêde vossa,
Alma dos homens! a serena fonte
Já não é necessário vol-a aponte
Torre brutal de cantaria grossa.

Crença, culto, dever, tudo esqueceste!
Varra agora, passando, a ventania
Dos vidros desta cúpula sombria
O pó das azas das visões celestes»

Trágico, doloroso quadro este que á alma sensitiva do poeta arranca tão lancinantes imprecações... Sirva-nos de espelho e ensinamento.

Ó que nunca se nos increpe este descaso, que jamais da velha torre,

cidadela das nossas tradições religiosas, resôem, em badaladas lúgubres, os sinos alviçareiros, que desse campanário se possa dizer ter ficado apenas o pouso das hirondineas que, nos dias claros da primavera, lhe recobrem os flancos alvíssimos, mas sim que ella continue a velar pela cidade querida, e a derramar, sob a fulgência dos soes mattogrossenses e a doçura das noites enluaradas, os carismos do alto, as bençãos do infinito, sobre a nossa terra e sobre a nossa gente — terra amorosa e boa até para os que a não amam, até para os extranhos e os filhos ingratos que lhe renegam o seio, gente fiel e arraigada ás suas tradições, que sabe prezar, como escrínio inestimável, essa crença herdada com a língua, com o sangue, com os costumes, com a liberdade e com a própria noção de existir.

A Religião necessidade social

CONFERENCIA FEITA NA «LIGA
CATHOLICA», DE CUYABÁ, EM 18-6-1931

A religião se impõe como uma necessidade *moral, política e social*. É nesse tríplice aspecto que nós vamos hoje, no discorrer de uma conferencia familiar, quasi uma palestra, demonstrar, com factos e argumentos, com a autoridade da razão e com a razão das autoridades, que a Religião é uma necessidade de ordem moral, política e social. Sinão vejamos:

NA ORDEM MORAL

Li uma vez, escripto por um desses «espíritos emancipados» cuja maioridade ninguém inveje, pois são mais infantis na sua supposta libertação do que as nossas crianças do catecismo, li algures que ao homem civilizado do século XX basta, para ser virtuoso e digno perante os seus iguais, evitar o Código Penal e as malhas da policia e da justiça. Será assim para a moral agnóstica, que melhor se diria amoral-

dade ou abstração dos princípios clássicos e inevitáveis da moral religiosa.

De facto, não é assim.

Não basta furtar-se as muralhas do Código Penal, deixar de ter negócios com a policia e contas a ajustar com a justiça humana. Não é sufficiente não infringir a lei, respeitar a propriedade e os direitos alheios, por medo ás conseqüências que são as sancções do poder publico, prisão, multas e outras penalidades. Isso é nada. Ha, acima dos tribunaes que podem errar, um tribunal infallivel, que é o da Justiça Divina; além dos poderes de que se pode ludibriar, uma soberania eterna e omnisciente, que é a da Divindade; e, mais penetrante que a vista da policia e que o alcance das leis, esse olhar mysterioso e profundo da consciência, que pode soffrer perturbações, mas jamais se oblitera e desaparece, sinão nos brutos e irresponsáveis por natureza.

Esse tribunal, essa autoridade, esse juiz mudo e inexorável do fôro interior — eis o que os inimigos da

Religião buscam supprimir, para assim deixarem o homem sem rédeas, solto á mercê dos instintos primários dos appetites da carne, da ambição e do egoísmo, como fera a cevar-se nos banquetes da animalidade rude e sanguinolenta.

Tirae a Religião, como factor moral da sociedade, e vereis rediviva a Roma pagan dos Tibérios, rolando pelos triclinios das saturnaes, entre rosas e vinhos, ou na rubra vertigem dos circos, que, esporeando os sentimentos mais ferozes da humanidade, eram como as preliminares da Guerra, finalidade única do Estado antigo e suprema glorificação dos Cesares de todos os tempos, nas suas mirabolantes apotheoses. Tirae a Religião como necessidade de *controle* nas sociedades, e vereis fatalmente reviver o conceito de Terencio — *homo hominis lupus* — o homem é o lobo para outro homem, pois que onde suppor possa encontrar o homem outro, imperativo categórico do que no seu próprio intimo, na sua consciência, que é o olhar de Deus dentro de cada um de nós?...

Não nego, reconheço que existe a moral chamada impropriamente leiga, a moral que prescinde de uma sanção sobrenatural: mas será tão pouco comum e, por outro lado, tão frágil, pois se assenta sobre bases tão precárias, que a menor resistência a pode arrastar no torvelim das seducções mundanas — que ousou qualificar-a, comquanto digna de respeito, *avis rara* e, por isso mesmo, pertencente ao domínio das excentricidades em que se arrolam os trevos de quatro folhas, o passaro azul e outras excepções da Natureza. A Religião é, pois, na ordem moral, uma necessidade imperiosa das sociedades organizadas.

Supprimi a dor e tereis supprimido a necessidade moral de crer. Aboli a miséria e tereis feito do mundo o paraíso. Tirae da alma o mal, o egoísmo, a ambição, a concupiscência, e tereis conseguido uma solução para o problema que a Religião visa resolver.

Mas emquanto houver soffrimento na face da terra, emquanto a riqueza ostentar os faustos sobre a esquálida indigência, enquanto o crime tripudiar

sobre a virtude e o pantanal do mal se estender, ameaçando os firmes do Bem, enquanto o coração do homem for esse amalgama incompreensível de ânsias pelo infinito e nostalgia da lama que foi feito, esse revoar pelo azul e esse rastejar pelas trevas — digam o que quizerem os racionalistas á Voltaire e Rousseau, os agnosticistas á Comte, e os partidários do atheismo official, á Lenine e Staline, que a Religião será a necessidade das necessidades, freio único dessa grande machina social, que, doutra forma, desordenada, sem rythmo, partida em suas junturas e no seu eixo, ir-se-á aos boléos, aos trancos e barrancos, á mercê dos mais tristes imprevistos, até á ruína, até a destruição, até á anarchia, como essa grande e inditosa terra moscovita que, digna de melhor sorte, é hoje o doloroso campo de experimentação, a pobre *cobaya* do atheismo, erigido em instituição, para provar ao mundo que o Estado não precisa de Deus. E vemos como vae provando, como promove a felicidade dos míseros *mujiks*, que hoje, nos horrores da tyrannia

communista do regime vermelho, chegam a suspirar, sinceramente, com saudades do despotismo do czar que, ao menos lhes permittia crer, e tirando-lhes a liberdade e a vida, não lhes violava o sacrário das consciências.

NA ORDEM POLITICA

Si a Religião estabelece, na ordem moral, o equilíbrio de que decorre, pelo bom proceder do individuo, a perfeita estática social, bem de ver é quão incalculáveis as consequências de ordem politica, que advem do Principio religioso.

A Religião fortalece o principio da autoridade, fundamento que é de todo edificio social. Já S. Paulo, na Epistola aos Romanos, estabelecia os pontos cardiaes da doutrina christan e catholica sobre a autoridade. «Todo o homem que esteja sujeito aos poderes superiores, porque não ha poder que não venha de Deus; e os que há, por Deus foram constituídos» E, adiante: «Pagaee, pois, a todos o que lhes é devido; a quem tributo, o tributo; a quem

imposto, o imposto; a quem honra, a honra». (1) Essa a estupenda «doutrina da ordem» de que discorreu, com alto senso philosophico e histórico, Hamilton Nogueira, invocando a serie dos doutrinadores que vem de S. Justino, S. Clemente e S. Chrisostomo, na idade antiga, o De Bonald, De Maistre e Veuillot, nos tempos de hodiernos. (2)

Sem a Religião, o poder é uma convenção, a soberania, um mytho, o direito, mera expressão platônica, absorvida pelo concepto da força bruta dominadora. A lei do mais forte é aquella que rege os Estados assenhoreados pelo materialismo político e econômico, como quer que se chamem as suas manifestações: marxismo, bolchevismo, communismo ou socialismo radical. A lucta das classes, o dissídio fatal entre o capital e o trabalho, em que a absorpção de um pelo outro constitue o programma político por excellencia, desfechando ou no cruel

(1) Epistola aos Romanos, XIII, 1-8.

(2) A Doutrina da Ordem, pags 74 e segs.

Regime anti-christão do capitalismo ou na fatal e ruinosa experiência Da 3º Internacional — eis a conseqüência da abolição do senso moral e religioso na vida politica, ou melhor, o triste resultado da organização do Estado sem Deus. Sobre os fumegantes escombros da própria Pátria, que um espírito atheu quiz constituir fora do sentimento de fraternidade christã, choram, neste momento, os pobres e os desamparados que o Estado capitalista e o Estado soviético — dois grandes polvos igualmente perigosos — esmagam sob os guantes de ferro da sua dictadura de plutocratas ou de proletários.

Não. A solução do problema social, da lucta das classes, não pode estar no agravamento dessa lucta, na maior animosidade criada pelo exemplo dos argentarios á americana ou dos marxistas á russa, mas sim pela serena palavra de Jesus que prega a fraternidade humana, que ensina, através das parábolas do seu Evangelho, que a pobreza voluntária é a maior das riquezas, que ha noutro mundo de justiça e compensação, uma gehenna para o rico que se

banqueteia, vestido de púrpura e linho e um seio, de Abrahão para o pobre que lhe aproveita as migalhas da mesa farta, que, realmente, na lei sobrenatural da graça, são bem-aventurados os pobres de espírito, os que choram, os famintos e sedentos de justiça. Fora dessa doutrina excusa ir buscar solução pacífica para a desigualdade das nações como para a dos indivíduos. A paz internacional depende menos das conferencias desarmamentistas que da applicação do Decálogo.

A paz interna das nações, por sua vez, só existirá si ellas voltarem ao Evangelho. Pretender a igualdade humana é tão grande estultícia como aspirar á symetria na natureza. É certo que só a fé, a philosophia christan, o espiritalismo pode criar uma equação moral e politica entre homens que a natureza faz desiguaes, intelligentes, trabalhadores, e honestos ou atrasados, indolentes e prevaricadores.

Ouvi a opinião insuspeita de um racionalista: «Não, a philosophia sceptica não é a philosophia. É muita cousa estudar o mundo e fecundal-o:

que os espíritos positivos se limitem a esta immensa tarefa, já estarão servindo á humanidade.

Mas quando vão até negar toda realidade alem do que encontram ao alcance dos seus instrumentos e dão como única verdade universal, o trecho de verdade por elles explorado, deixam de ser nossos bemfeitores, para se tornarem nossos inimigos. Cada um de seus passos se assignala por um desastre».

E, logo a seguir:

«Sua sciencia é uma negação na theoria, um dissolvente na pratica.

Ao contrario, a philosophia espiritalista abre ao homem um mundo; dá-lhe um pae; ensina-o a supportar a vida, a amar os homens. A moral que ella engendra é a do dever, isto é, do sacrificio. Ella consagra o direito, mas o enobrece pelo amor.

Funda a liberdade, mas lhe põe de companheira a fraternidade. A sciencia positiva reduz o homem ao individuo e a espiritalista tende a fazer da humanidade uma família». (1)

(1) J. Simon, La Religion Naturelle, XIV.

NA ORDEM SOCIAL

Mas si na ordem moral e politica, como vimos, a Religião se faz mister, com muito mais força e maioria de razões, no domínio puramente social. Já definiu com agudeza um philosopho, o homem como *o animal religioso ou o animal que crê*. Abstrahir do sobre-natural na organização das sociedades humanas é como conceber a natureza sem o fluido atmospherico que a envolve, pois a noção de Divindade é tão imperiosa para o homem, como a do ether, posto inexplicável, para o mundo astral, a da água para os peixes, ou a do ar para os demais viventes...

Deus é o alicerce de toda a construcção, e já o pagão Plutarcho dizia conceber antes uma fortaleza sem fundamentos, que uma sociedade sem Deus. Não basta, porem, a noção platônica da Divindade: Deus existe, mas é preciso que elle exista e influa na sociedade; pois do contrario, seríamos mais incoherentes que os próprios atheus. Admittir que Deus exista, mas viver como si elle não existisse, pres-

cindir d'Elle na prática, é o maior contra-senso, a máxima falta de lógica, que não se pode imaginar.

São do grande dominico Padre Didon, na sua obra clássica, os conceitos seguintes muito de molde ao thema desta conferencia:

«Não crede, senhores, que esta noção de Deus seja indifferente, que pouco faça pensar de Deus isto ou aquilo e que seja tudo isso questão de pura theoria. Os espíritos superficiaes que se julgam práticos, porque não vêm da vida mais que o aspecto externo, imaginam facilmente que é cousa sem consequência conceber a Deus á maneira dos mahometanos ou dos judeos, e que por isso o mundo não altera a sua marcha. É preciso os desenganar. E para convencel-os, não ha mais que lançar uma vista geral sobre a historia esboçada em largos traços. Toda a vida individual dos povos, toda a vida moral da humanidade pende da noção de Deus. E, si fazendo a philosophia da historia, quiserdes dar vos conta de um povo, duma raça e do seu desenvolvimento, não ha sinão um problema

a resolver: qual a noção de Deus corrente nesse povo, nessa raça, nessa humanidade? Tal noção, tal povo; tal noção, tal raça, e tal civilização; tal noção, tal humanidade». (1)

Certo meus amigos, que esse Deus dos spenceristas, que é o Incognoscível, esse Deus dos hiramitas, que é o Supremo Architecto do Universo, esse Deus vago, abstracto, inexpressivo, que criou o mundo numa hora de desaforo ou de *dilletantismo*, mas que é indiferente á sorte do mundo ou ao qual o mundo pode ficar indiferente, pode ser uma bella concepção philosophica ou poética, mas é um Deus sem valor nem prestigio e o mesmo que fôra que não existisse.

O Deus em que acreditamos, nós os catholicos, é Aquelle que criou o mundo e o rege, que fez o homem e lhe impôs uma lei, cuja observância ou infração será premiada ou punida eternamente.

Não é tampouco o Deus dos lutheranos a que basta o preito cego de uma

(1) La Science sans Dieu, 261.

fé muitas vezes desarrazoada: e sim um Deus que exige a harmonia moral entre a crença e a vida, porque do contrario se chegaria ao absurdo de se salvarem *só pela fé* os maiores criminosos, contra a palavra clara da Bíblia — *a fé é morta sem as obras*. É esse o Deus das nações que nós adoramos, o Deus que preside os universos planetários como os mundos infusorios e vê no fundo occulto da mais obscura das consciências, o Deus sem cuja vontade não cae uma folha de arvore, nem um fio de cabello, o Deus que prevê a alimentação dos passarinhos e veste os lírios do campo com toda a formosura.

Esse o Deus dos nossos maiores, que nós queremos que seja dos nossos descendentes, pois que para a grandeza da Pátria, o progresso da sociedade, á elevação do individuo, se impõe a Religião integral e pura, como já reconhecia e proclamava, ha mais de um século, o primeiro cidadão dos Estados Unidos, George Whashington, citado pelo eminente Ruy: «Nem a razão nem a experiência nos deixam

esperar que a moralidade nacional se preserve sem o concurso do princípio religioso. (1)

CONSEQUENCIAS PRATICAS

Postas as premissas, estabelecidos os postulados, tiremos de umas e de outras, as conclusões praticas que o momento brasileiro está a inculcar e a exigir. Si a Religião é uma necessidade moral, força é convir que o ensino religioso se impõe como um dos deveres precípuos da administração publica, e governo que o nega, falta ao mais sagrado dos seus encargos.

Si a religião é uma necessidade politica, não ha fugir que, no regime de liberdade em que vivemos, democrático e republicano, no qual é no povo que reside o principio de soberania, de que os governantes são meros mandatários, a organização politica tem de auscultar e satisfazer, sob pena de ser uma falsidade e uma mentira official, as aspirações e os anseios desse povo, que

(1) Ruy — Elogios Acadêmicos, 299.

Pela boa causa, 5

é visceral e essencialmente religioso e catholico, na sua quasi totalidade.

Si, a Religião é uma necessidade social, a família, *cellula mater* do organismo social, precisa da base religiosa, a menos que se pretenda que, pela corrupção da cellula, se não venha a dissolver o corpo social, o que é physiologica e sociologicamente um absurdo.

Sem família moralizada, não ha sociedade que possa resistir. A Roma imperial é um exemplo frisante: conquistou o mundo, mas veio a perder-se pela devassidão interna. Ora, a família que ha de nos dar um Brasil grande, unido e possante é a família brasileira tradicional e catholica, que se formou aos pés da Cruz do Christo, na dura epopéa das bandeiras e no áspero trabalho das *minas* e dos *engenhos*, rezando e luctando, crendo e trabalhando, firme na sua fé como constante no seu labor. Essa a família brasileira genuína, que é o padrão da nossa raça, o prototypo em que devemos formar as nossas famílias, os que nos succederão um dia na posse da terra boa e liberal que Deus nos concedeu.

Não a família desnaturada pelo mundanismo dissolvente e corruptor. Não a família como que a sonham os inimigos do ensino religioso, decretado alias pela mais liberal das leis que o Governo Provisório até hoje promulgou, pois alem de ser facultativo, não excepciona nenhum credo, só se podendo, por ignorância ou por má fé, allegar nella restrição á liberdade de consciência. Não a família como a querem os divorcistas e os partidários da moral athéa ou agnóstica.

Não, sobretudo, a familia lutheranizada ou dolarizada, transfugida á crença dos nossos maiores, á doce religião que guiou e inspirou os povoadores e os colonizadores, para, renegando a tradição meiga do catholicismo, ir se alliar aos propagandistas de um culto extranho, de uma exótica predicação que começa por, incoherentemente, alliar-se aos irreligiosos na lucta contra o ensino da Religião nas escolas, para acabar profanando, em explosões que o próprio bom senso dos seus adeptos equilibrados repelle, o que temos de mais respeitável e digno. Não! Não

é essa a família, nem essa a organização social que se impõe na «hora trágica» que passa. O mundo, meus amigos, tem neste instante, dois pólos, dois centros de coordenação mental e moral, *O Vaticano*, centro das forças estáveis, conservadoras e com uma diretriz segura e o *Palácio Vermelho*, o *Kremlin*, centro das forças destruidoras, com rumo á desorganização social, á subversão e á anarchia. O Brasil, paiz novo, ainda em constituição pode-se dizer, o Brasil que acaba de sahir de uma tremenda refrega e ainda se acha a braços com uma crise formidável, politica, econômica e financeira, só pode ter uma bússola, só deve ter um norte, nesta hora decisiva: bussola e norte que é a religião sagrada dos brasileiros, pura e integral, sem liga de elementos extranhos e desnacionalizadores, essa

Religião que tem a palavra da vida, pois que fora della, sem ella ou contra ella — não ha salvação para os indivíduos nem para as nacionalidades!

Religião e Política

DISCURSO PRONUNCIADO NA SESSÃO
INAUGURAL DA LIGA ELEITORAL
CATHOLICA, EM CUYABÁ.

Senhores:

Um dos grandes erros contemporâneos e que têm determinado maior confusão nas sociedades, é o de pretender separar a Religião da Política ou, por melhor dizer, tornar o Estado civil, fora completamente da influencia religiosa. Tal doutrina que se corporificou em regra de agir na Revolução Francesa, longamente preparada pela philosophia sceptica e sensual do século XVIII, hoje, mais do que nunca, encontra panegyristas fervorosos entre os adeptos das chamadas «novas escolas sociaes», que têm por bussola a Praça Vermelha de Moscou e por evangelho o manifesto communista de Marx.

Em nosso país, hoje a braços com uma tremenda crise social, politica e econômica, taes idéas, inteiramente

Antagônicas com a sua tradição e a índole do seu povo, tem, infelizmente, encontrado coripeus, que dellas fazem praça e as põem, inconscientemente, em circulação, embora sob os mais variados disfarces.

Estamos numa hora decisiva para os nossos destinos nacionaes. Hora que não comporta dilacões nem transigências. Hora de falar claro e agir com segurança. Trata-se de saber si na organização política que se esboça, deve a religião ser posta de lado, continuando a predominar esse mesmo agnosticismo que infelicitou a Republica de 89, ou, numa reacção salutar, dar a Deus o logar que lhe compete em nossa magna Carta, e restabelecer nas nossas instituições aquillo que Maritain com tanta expressão, chamou «o primado do Espiritual».

Frisemos desde logo que se não pode excluir a Religião da Política. Há 20 séculos, pela boca de Cícero, a própria philosophia pagan proclamava insus-

peitamente: «*Omnia religione moventur*». Tudo é movido pela Religião. E a palavra divina das Escripturas, já muito antes, o affirmara, na linguagem symbolica do psalmista: «Se Deus não edificar a casa, em vão trabalham os que a edificam». Eis porque a Liga Catholica desta Archidiocese, inspirando-se nas salutarees recommendações das altas autoridades ecclesiasticas, resolveu convocar esta reunião, afim de promover a organização entre nós da Liga Eleitoral, cujo propósito visa congregar os catholicos, para o grande prélio da Constituinte.

Não se trata, é bem visto, de um partido político e sim de uma coordenação de elementos, de quaesquer partidos e até não partidários, inspirados pelos mesmos ideaes, mirando a mesma finalidade. Propugnaremos o incentivamento da inscripção eleitoral reagindo contra a tibieza e o desanimo reinantes nas massas; reivindicaremos para a Egreja o direito incontestável de se fazer respeitar, como potencia espiritual e como crença tradicional e histórica da grande maioria do povo

brasileiro. Desassombrados, diante dos irriquietos campeões da anarchia, que pullulam hoje como vibriões nas águas mortas, nós alçamos a bandeira das reivindicações catholicas, protestando, que somente merecerão nosso voto, na escolha dos candidatos á Constituinte, aquelles que, no seu programma, se comprometterem a não contrariar as legitimas pretenções do eleitorado catholico. Vamos para a arena, encorajados pela nossa fé, assegurados do triumpho pela justiça da causa que defendemos. Convençamo-nos que conosco está a verdadeira alma do Brasil, christão desde o alvorecer da nacionalidade. Do outro lado o que vemos? Os eternos inimigos da Ordem, os perturbados pela illusão de reformas inadaptaíveis ao nosso meio, os iconoclastas da tradição, os endeusadores da falsa liberdade e da razão com que se mascaram os peiores tresloucamentos. São de Taine, o grande historiador da Revolução Francesa, e de uma insuspeição a toda prova, os seguintes conceitos que parecem escriptos para a hora presente: «Somente o christianismo

pode reter o declive fatal, impedindo o resvalamento insensível pelo qual, com todo o seu peso original, a nossa raça retrocede para o abysmo: o velho Evangelho (qualquer que seja a sua forma presente) é, ainda hoje, o melhor auxilio do instincto social».

Senhores:

Há 110 annos, rezam as nossas chronicas, num dia como hoje, reunidos autoridades e povo, a convite dos edis da cidade do Bom Jesus de Cuyabá, para se pronunciarem sobre a Independência do Brasil, cuja noticia alviçareira acabava de chegar a estas longínquas paragens, — o presidente daquela egrégia Corporação, desenrolando a bandeira do Senado da Câmara prorrompeu em várias acclamações, enthusiasicamente correspondidas pelo povo. E a primeira — vede bem — foi esta «Viva a nossa Santa Religião!» — como que a consagrar, no baptismo

PELA BOA CAUSA

da Pátria livre, essa união sagrada da Religião e da Política, sem a qual jamais existirá verdadeira liberdade nem patriotismo verdadeiro. Sejamos dignos daquelle grito histórico dos nossos antepassados, que, do fundo dos seus túmulos, parecem velar pela terra cuyabana, nesta hora nebulosa, tão semelhante áquella em que o Brasil nascia para a emancipação politica, assediado como hoje de ruins paixões da jacobinalha, da impiedade e da anarchia!

Saibamos ser dignos do nosso nome de catholicos e comprehender a gravidade da hora que passa. Não é nas arengas dos arruaceiros, nem nos pasquins dos demagogos, que se ha de encontrar o ambiente favorável a reorganização social e moral de que carece o Brasil: é sim, no santuário inviolável das consciências, no sereno templo da família, tornada agora mais eficiente pelo voto feminino, que se vai decidir si teremos uma Pátria livre, ordeira, laboriosa e feliz ou um *clan* bárbaro, anarchico, tumultuoso e submisso a todas as paixões e vicissitudes.

JOSÉ DE MESQUITA

Escolhamos entre essas alternativas ó catholicos, certos de que é do voto de cada um, convergindo para o mesmo fim, que depende, indiscutivelmente, nesta hora sombria, nestes instantes trágicos, a honra, a salvação, a felicidade do Brasil!

Saibamos ser bons brasileiros catholicos! Legionários da Fé do Civismo, avante: Por Deus, pela Pátria!